

# CONFLITOS DO SÉCULO XXI, TENDÊNCIAS E INCERTEZAS

*A guerra é mais do que um verdadeiro camaleão, que adapta um pouco as suas características a uma determinada situação.*

(Carl von Clausewitz)

LEONARDO **BARBOSA** CABRITA\*  
Suboficial (FN)

---

## SUMÁRIO

Introdução  
Contexto Inicial  
Aspectos conceituais dos conflitos (HIA)  
Tendências  
Incertezas  
Considerações finais

## INTRODUÇÃO

A história da humanidade sempre foi marcada pelo conflito e pela guerra, em que civilizações foram erguidas e outras massacradas.

A segurança internacional tem sido destaque, e a atual conjuntura tem conduzido a um permanente estado de insegurança. Por isso, a importância de compre-

ender as mudanças e a continuidade dos conflitos no presente século, comparando a sua evolução com as guerras do Vietnã e do Afeganistão, ocorridas no período da Guerra Fria (1947-91). Estes dois países são conhecidos por sua forma de guerra indireta com características próprias, fora da doutrina cartesiana.

O presente estudo começa com uma breve contextualização de dois conflitos

---

\* Pesquisador independente. Graduado em História pela Universidade Estácio de Sá. Especialização em História Contemporânea e em Relações Internacionais pela Universidade Cândido Mendes.

ocorridos na passagem do século XX, partindo de marcos específicos, que mostram a evolução e os desdobramentos *modus operandi* aplicados com sucesso no Vietnã, com a vitória sobre franceses e norte-americanos, e no Afeganistão, que resistiu à invasão dos soviéticos. Estas passagens mostram como uma nação militarmente inferior pode se opor a uma grande potência, tanto na guerra revolucionária quanto na guerra de resistência. Devido à natureza desses conflitos, buscou-se observar semelhanças que se interligam, comparando suas características com as dos conflitos que temos vistos no início do século XXI.

Ao observarmos o século XX, com as duas grandes guerras, teremos uma ideia de conflito direto entre exércitos. Logo depois, abordaremos o advento da Guerra Fria, período de disputas estratégicas e conflitos nos campos político, militar, tecnológico, econômico e social, além da clara disputa ideológica, impactando o mundo, resultando em um longo caminho de disputas entre duas grandes potências mundiais, os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Países que orbitaram em certa medida a favor das superpotências notabilizaram inúmeros avanços, conquistas e reviravoltas em relação ao poder, de acordo com a sua magnitude e sua ambição. Eles têm uma perspectiva crescente de divisão do mundo em fortes e fracos, avançados e atrasados, desenvolvidos e subdesenvolvidos, levando aqueles que reivindicam essas diferenças, principalmente no

campo econômico, a responderem com consequências no campo social. Essa maneira nem sempre é resolvida com acordos diplomáticos e democráticos, alterando assim o *modus operandi* de desencadear conflitos.

Na sequência, o trabalho apresentará considerações básicas sobre os conceitos dos conflitos Híbrido, Irregular e Assimétrico (HIA), conhecidos como ambientes de guerra não convencional e considerados antigas formas acrescidas de uma nova roupagem.

As considerações seguintes alertam para as tendências e incertezas do século XXI, que nos trazem algumas evidências: velocidade da revolução tecnológica, principalmente com o uso de redes sociais

e celulares; saturação de informações; rompimentos democráticos; consumo descontrolado; e, conseqüentemente, o aumento de cidadãos menos favorecidos. Estes fatores criam situações hostis com

forte tendência à violência, um possível caminho para o caos, apresentando um campo muito fértil para probabilidade de novos conflitos.

Vivemos em um mundo engasgado com várias rupturas na ordem internacional, com transformações nos campos social, cultural e político, causando repercussões e influências em diversos países, desde a degradação da União Soviética no decorrer dos anos 1990. É difícil precisar as possibilidades e os impactos para novos conflitos, mas não é difícil prever que, muito provavelmente, estes estejam sendo planejados, até porque nenhum caminho para paz está realmente visível.

**Vivemos em um mundo  
com rupturas na ordem  
internacional, com  
transformações nos campos  
social, cultural e político**

## CONTEXTO INICIAL

A sucessão de guerras e genocídios do século passado trouxe consequências para a aurora do século XXI. Isso aparenta não ter fim e continua marcando gerações. Vivemos sempre com a impressão que retornaremos à Guerra Fria. Porém a reconfiguração do ordenamento mundial é mais complexa, multipolar e globalizado. Basicamente, este artigo chamará de conflitos aquilo que não é formalizado e contraria a Convenção de Genebra, exigida pela lei internacional entre os países beligerantes. Na verdade, são embates travados por uma série de auxílios táticos fornecidos muitas das vezes por países interessados em expandir sua influência, aquele típico confronto vivido no período da Guerra Fria, quando a declaração oficial de guerra poderia levar a uma reação em cadeia, gerando maiores impactos. A Guerra Fria terminou, mas as suas lições e experiências são duradouras.

O século XX inaugurou uma forma de se fazer guerra nunca antes experimentada pela humanidade, a Guerra Total, que envolveu várias esferas das sociedades globais, interferindo principalmente na política, na economia, na ciência e na tecnologia. A Primeira Guerra Mundial (1914-18), conhecida também como A Grande Guerra, teve caráter defensivo, fazendo uso permanente das trincheiras e ascendência de apoio de fogo, características de operações tradicionais de guerra. Na Segunda Guerra Mundial (1939-45), basicamente uma espécie de guerra global, mostrou-se um caráter tático com velocidade no poder de ação e manobras profundas com engajamento simétrico entre as forças conflitantes. Na segunda metade do século XX, os anos da Guerra Fria, difundiram-se inúmeros conflitos entre Estados menores do pon-

to de vista global, com o propósito de dissuadir governos pela ameaça e pela possibilidade de uma guerra entre as duas grandes potências: EUA e URSS, que se defrontaram em uma situação totalmente diversa, digamos, uma guerra informal travada entre as grandes potências em outros países, confrontando, financiando e armando diversos grupos alinhados às suas pretensões, sem que as potências antagônicas se envolvessem diretamente, aquilo que alguns especialistas denominam como “guerra por procuração”.

Ao longo desse tempo, as rivalidades e a disputas geopolíticas levaram à deflagração de uma série de conflitos em várias regiões do globo, atingindo diversas nações, com seus *modus operandi* de conflitar: terrorismo, guerrilha, insurreição, movimento de resistência, revoluções e narcoguerrilha, provocando um grande impacto nas estruturas de diversos países, com danos irreversíveis.

Ao examinar o histórico de operações de guerra não convencional, no qual não existia uma causa única, mas a convergência de vários fatores, a Guerra Fria, em particular, gerou uma forma de conflitar muito peculiar, sendo um período de disputas estratégicas e conflitos indiretos que ganhou outros continentes. Nesse contexto, é possível comparar a Guerra do Vietnã e a invasão no Afeganistão pelos soviéticos no século XX com os conflitos ocorridos no Iraque e Afeganistão no início do século XXI, fundamentados em um amplo repertório de Táticas, Técnicas e Procedimentos (TTP) empregado pelos países que reforçam a ideia de guerras de resistência, recebendo apoio de insurgentes e guerrilheiros de outras nações.

Contrariando a Convenção de Genebra, a Guerra do Vietnã (1959-75) jamais foi formalizada. Muitos estudiosos chamam esta guerra de conflito, já que não houve

formalização exigida pela lei internacional – o típico conflito clássico da Guerra Fria que poderia levar à Terceira Guerra Mundial. O conflito no Vietnã, uma continuação da Guerra da Indochina, nos traz grandes ensinamentos, devido aos anos de resistência. Primeiro, vencendo os franceses, e, em seguida, os norte-americanos, países que empreenderam uma campanha para subjugar e que acabaram sofrendo uma derrota tanto no campo político como no militar. Os procedimentos empregados, tanto no nível tático como no estratégico, foram bem orquestrados por grupos de guerrilheiros. Figuras como Mao Tsé-Tung, Ho Chi Minh e Vo Nguyen Giap deram início a uma doutrina de natureza irregular, que desperta interesse atraindo seguidores com a mesma forma de resistência, entrando para a história. Seus homens encararam o poderio do inimigo com técnicas caseiras que incluíam túneis subterrâneos, armadilhas e ataques surpresa. Nesse momento, nasceu o embrião da mais bem-sucedida guerrilha do mundo, o Vietnã, sendo ainda referência para os conflitos que certamente estão por vir.

Outra natureza de confronto surge no centro da Ásia, o conflito Afegão-Soviético, em dezembro de 1979, quando uma influência abalou toda a estrutura de um regime. Tropas soviéticas deflagraram uma ocupação militar no Afeganistão durante uma década. Com a invasão dessas tropas, deu-se início a um conflito entre as forças governamentais, apoiadas pelos soviéticos, e os *mujahidin*, frequentemente traduzido como “guerreiros santos”, apoiados pelos Estados Unidos e por outros países muçulmanos. O Afeganistão tornou-se uma espécie de Vietnã para a União Soviética, mostrando que grupos tribais, empenhados em lutar através da luta armada, e o engajamento indireto foram capazes de resistir à poderosa força soviética.

Não podemos esquecer que, durante todo o período da Guerra Fria, existiu uma paranoia que se tornou a marca das relações da União Soviética com o mundo exterior. Assim como os antigos chefes soviéticos, Lenin e Stalin, seus sucessores sempre viram tramas e conspirações sendo geridas pelo imperialismo internacional, o que repercute até os dias de hoje. De certo modo, a intervenção soviética no Afeganistão tinha alguma semelhança com o Vietnã no que tange ao *modus operandi*. Em ambos os casos, as potências invasoras acreditavam que bastariam enviar armas, tropas e ajuda econômica em apoio às forças nativas para terem um bom desempenho. Essa dinâmica não foi o suficiente, e as consequências foram bem diferentes para vencer uma guerrilha contra nativos determinados.

Um desdobramento surpreendente foi a reação adversa dos movimentos de resistência que instigou todos os nativos a lutarem contra o invasor. Em certo sentido, deu-se uma luta armada de longo tempo que impossibilitou operações de grandes envergaduras, resistindo com guerrilhas locais e tomada de território. Parafraseando a ideia de um combatente afegão: “vamos lutar contra um urso que é atacado por uma nuvem de abelhas”. Sintetizando: as ações contra um grande exército são desencadeadas por todas as direções, sendo impossível imaginar um confronto frontal e aberto contra um exército mais forte em armas, soldados e recursos econômicos.

Embora tanto os EUA quanto a URSS estivessem altamente capacitados para o combate tradicional, como o ocorrido na Europa no período das duas grandes guerras, aqueles foram surpreendidos por uma guerra de resistência contra uma ocupação, na qual foram adotadas táticas de emboscadas, pequenas ações de destruição, rápidas incursões de pequenos

grupos com o máximo de iniciativa e liberdade de ação, com grande capacidade de se deslocar, atacar e homiziar, abalando completamente o moral da tropa invasora.

Entretanto, ao final do século XX, após a dissolução da URSS, com o consequente término do conflito bipolar, inúmeros conflitos armados continuaram a ser desencadeados pelo mundo. A ilusão de harmonia no fim da Guerra Fria logo foi dissipada pela multiplicação de conflitos étnicos e de rupturas da lei e da ordem e pelo surgimento de novos padrões de alianças e conflitos entre os Estados. Portanto, o paradigma de um só mundo harmônico está claramente divorciado da realidade para ser um guia útil no mundo pós-Guerra Fria.<sup>1</sup> O futuro do mundo continua multipolar, mas não podemos nos iludir de que grandes potências almejam uma condição unipolar.

A rigor, as ações históricas civilizatórias tiveram fortes precedentes ao longo do século XX, numa perspectiva regional e global. O século XXI começa com um enorme desafio humano, com um evento bastante impactante, os atentados terroristas perpetrados contra os EUA em 11 de setembro de 2001. Este episódio, uma espécie de marco para o início do século, além de uma ação de guerra, trouxe à tona uma nova forma de fazer guerra. Dessa forma, no mundo pós-11 de Setembro, dá-se início a uma típica guerra do século XXI, caracterizada pela incerteza entre as forças em confronto.

Certamente, a partir de agora, temos um efeito que modificou profundamente a concepção e o *modus operandi* de fazer guerra ou deflagrar conflitos. Terrorismo, sequestros, assassinatos de jornalistas,

ativistas e trabalhadores de organizações humanitárias se tornaram mais comuns, resgatando antigos métodos, já experimentados anteriormente, merecendo real atenção os movimentos de resistência e guerrilha. Países que exercem maior resistência à globalização e vivem em guerras fortalecem o surgimento de grupos terroristas ou grupos armados em contradição com a ordem imposta. O terrorismo, caso à parte, é uma prática que não foi eliminada da história até o presente momento.

Em tempos recentes, diferentes meios de se conflitar estão ocorrendo. As guerras estão se transformando em conflitos de baixa intensidade, as antigas batalhas campais saem de cena, e o combate passa a ser desenvolvido em menor escala, muitas das vezes em um ambiente urbano altamente populoso. Hoje, todos os tipos de conflitos vêm sofrendo uma alternância no *modus operandi*, assumindo de fato uma forma específica, em que não se excluem as gerações de guerras (Primeira, Segunda, Terceira e Quarta)<sup>2</sup>, os tipos de guerras (convencional, destruição em massa, híbrida, irregular e assimétrica) e as formas de guerras (psicológica, econômica, química, bacteriológica, nuclear, radiológica e cibernética). Toda essa combinação de gerações, tipos e formas de guerras e acordos diplomáticos mal-resolvidos aponta para o campo da segurança internacional.

Na verdade, o que estar por vir são diversificadas maneiras de engajar com um provável inimigo. Dentre algumas tendências, podemos antever que a natureza e as características dos próximos conflitos, com certa relevância, serão de “conflitos multidimensionais”, no sentido figurado:

1 HUNTINGTON, Samuel P. *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997, p. 32.

2 REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, v. 139, n. 10/12, outubro/dezembro 2019, p. 192.

os conflitos possuirão mais dimensões, maior capacidade de abrangência e múltiplos propósitos.

O século XXI desencadeia uma atmosfera diferente, uma espécie de estado de alerta permanente, com vulnerabilidades e incertezas à flor da pele. Recentemente, muitos países adotaram um modo de conduzir guerras de forma indireta, negando ao adversário a superioridade absoluta e dificultando o domínio do centro de gravidade. Isso não é um fenômeno recente, pois os denominados conflitos Híbrido, Irregular e Assimétrico foram muito utilizados no Vietnã e no Afeganistão, no século XX.

## ASPECTOS CONCEITUAIS DOS CONFLITOS (HIA)

### *Guerra Híbrida*

Desde a recente incursão russa no leste da Ucrânia, em 2014, a nova arte da guerra da Rússia centra-se no conflito de forma híbrida, uma combinação de forças irregulares e convencionais empregadas em conjunto. O chefe do Estado-Maior Geral da Federação Russa, General Valery Gerasimov, adotou um método de conflito que envolve “o amplo uso de medidas não militares, políticas, econômicas, informativas, humanitárias e outras”. Ainda ressalta que tudo isso, segundo ele, pode ser completado pela ascensão da população local, como uma estratégia flexível, com propósitos a longo prazo.

Williamson Murry, professor, consultor de defesa e comentarista de assuntos históricos e militares, define o termo guerra híbrida como um conflito que envolve uma combinação de forças militares convencionais e irregulares (guerrilheiros, insurgentes e terroristas), que podem compreender atores estatais e não estatais, visando alcançar um propósito político comum.<sup>3</sup>

No livro *Guerras Híbridas: das revoluções coloridas aos golpes*, Andrew Korybko explica que a Guerra Híbrida é a combinação de revoluções coloridas e guerras não convencionais para substituir governos.<sup>4</sup>

### *Guerra Irregular*

Segundo o autor Alessandro Visacro, Guerra Irregular “é todo conflito conduzido por uma força que não dispõe de organização militar formal e, sobretudo, de legitimidade jurídica institucional”<sup>5</sup>.

Esta guerra é normalmente concebida como um conflito armado, no qual as partes não constituem grandes unidades, mas pequenos grupos de ação, e cujo desfecho não é decidido em poucas e grandes batalhas, ao contrário, a decisão é buscada e concretizada por um número muito grande de pequenas operações individuais, roubos, atos de terrorismo, sabotagem, bombardeios e incursões. A guerra irregular é a “guerra das sombras”.<sup>6</sup>

3 MURRAY, Williamson; MANSOOR, Peter R. *Guerra Híbrida: a verdadeira face do combate no século XXI*. Tradução Paulo Baciuk. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2020, p. 14.

4 KORYBKO, Andrew. *Guerras Híbridas: das revoluções coloridas aos golpes*. Tradução: Thyago Antunes. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018, 178 p.

5 VISACRO, Alessandro. *Guerra Irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*, 2009, p. 13.

6 HEYDTE, Friedrich August Freiherr Von Der. *A guerra irregular moderna em política de defesa e como fenômeno militar*, p. 37.

## Guerra Assimétrica

Após os atentados de 11 de setembro, deu-se o início da política externa americana contra o terrorismo na primeira década deste século. Os EUA passaram a denominar esses conflitos de assimétricos, passando a ser o principal instrumento de coerção em diferentes regiões do mundo. Segundo o General Reynolds Mendes, do Exército de Portugal, em publicação na revista *Military Review*, edição brasileira, em termos gerais, a Guerra Assimétrica define-se como aquela que é empreendida no interior de um Estado, por Forças que se lhe opõem e que, mesmo sendo muito menores em efetivos e em meios militares, acabam normalmente por conseguir a vitória, a longo ou curto prazo, por um conjunto de capacidades próprias – culturais, materiais ou circunstanciais.

De forma geral, as guerras Híbrida, Irregular e Assimétrica tratam-se de novos termos para definir um conceito antigo na condução da guerra, com objetivo central de imobilizar o adversário operacionalmente, tirando sua estabilidade, surpreendendo-o, exaurindo-o e inquietando-o, para desgastá-lo e desequilibrá-lo internamente, de tal modo que, com o tempo, este se enfraqueça física e psicologicamente, mostrando-se incapaz de reagir, uma espécie de luta amorfa de baixa intensidade contra o

*establishment*. Nesse cenário, podemos observar que estas guerras são antigos fantasmas em uma nova era.

## TENDÊNCIAS

A todo momento buscamos segurança e liberdade. O século XXI vem se reinventando com o surgimento de novas tendências, ideologias, tecnologias e descobertas motivadas pela crença em torno do progresso, que nos trouxe inúmeras mudanças sociais, científicas, culturais, políticas e econômicas. A partir de então, não vivemos mais em um mundo que se sustente por meio da ilusão de felicidade e estabilidade, mas em um mundo onde

a desintegração econômica e política fragiliza as mais variadas formas de governo.

Quase metade da população mundial mora em cidades, e os centros urbanos são motores da produtividade e

geradores de crescimento econômico. O sociólogo Zygmunt Bauman é categórico em afirmar que “as cidades contemporâneas são um campo de batalha em que os poderes globais, os significados e as identidades teimosamente locais se encontram, se chocam, lutam e buscam um acordo satisfatório ou apenas tolerável”.<sup>7</sup> Vivemos tempos incertos, e está cada vez mais desafiador tentar conjecturar o futuro e prever um ideal, principalmente em países subdesenvolvidos, onde os governos são incapazes de atender às

**Guerras Híbrida, Irregular e Assimétrica tratam-se de novos termos para definir um conceito antigo na condução da guerra**

<sup>7</sup> WOLOSZYN, André Luís. *Ameaças e desafios à segurança humana no séc. XXI: de gangues, narcotráfico, bioterrorismo, ataques cibernéticos às armas de destruição em massa*, p. 81.

necessidades políticas e socioeconômicas de sua população, apresentando instabilidade e gerando campos férteis para novos conflitos.

Os Estados estão vivendo uma era de transformações. Boa referência são os indicadores tratados no Fórum Econômico Mundial, em que os formadores de opinião e pesquisadores pensam sobre os desafios para o futuro do mundo, destacando-se as tendências de riscos prováveis para o século XXI em cinco categorias: econômicos, ambientais, geopolíticos, sociais e tecnológicos.

A tensão entre Rússia e Ucrânia, iniciada em fevereiro de 2022, trouxe reflexos imediatos relacionados aos confrontos que remontam ao contexto da Guerra Fria. Devido aos rumos dos conflitos, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) adotou um novo conceito estratégico, Nato 2022 Strategic Concept, reconhecendo a existência de desafios críticos para a paz e a estabilidade internacionais, tais como: ameaças persistentes de terrorismo, instabilidade, competição estratégica crescente e avanço do autoritarismo. Não podemos deixar de mencionar as disputas territoriais, étnicas e religiosas, pirataria e narcotráfico, entre outros. Os efeitos relacionados a essas tendências terão impactos políticos, sociais, econômicos e culturais, e não podemos descartar a interconexão entre eles. Logo, os conflitos tendem a ocorrer em um mundo cada vez mais conectado, com forte tendência à desigualdade e aumento de ideias extremistas. Lembrando que um risco sempre impacta em outros riscos. Tais tendências, se não bem resolvidas, serão determinantes nas próximas décadas, considerando inclusive perspectivas de novos conflitos em vários lugares ao mesmo tempo, com características diversas entre os atores globais.

## INCERTEZAS

O mundo é duvidoso e enigmático. O século XXI tem experimentado um momento fortemente caracterizado por quebras de padrões, instabilidades, incertezas, insegurança e laços humanos frágeis, mediados por novas tecnologias. Vivemos um momento de vulnerabilidade e incerteza à flor da pele. Cada era é única em combinações de crenças, aclamações políticas, tensões sociais e revoluções. Porém uma compreensão histórica nos ajuda a ter o entendimento do passado, oferecendo lições relevantes para dimensionar o futuro. Logo, as incertezas são variáveis que impactam e apresentam um mundo de possibilidades futuras, ainda sem exatidão.

As desvirtudes na governança global são maus sinais para o futuro próximo. Países que vivem em condições de crises contínuas, com distúrbios políticos, intensificação da violência e surgimento de grupos radicais serão mais propícios a conflitos. Temos que entender que política e guerra não são duas realidades separadas, elas não cessam de interagir. Enquanto não houver combinação mútua de acordos mundiais que visem melhor adequar os povos e seus interesses com a evolução em curso, poucos serão os Estados que não sofrerão algum tipo de conflito, ou viveremos na incerteza permanente.

Nos conflitos modernos, as antigas batalhas campais saem de cena, e a “guerra total”, definida pelo general prussiano Carl von Clausewitz no início do século XIX, cai para um segundo plano no século XXI. Os conflitos passam a ser desenvolvidos em um ambiente urbano altamente populoso, onde o algoz opera desestabilizando e depois atacando de forma constante até o desgaste total do adversário, levando a sua retirada.

O futuro é imprevisível e moldado por diversas variáveis que se relacionam entre si e, principalmente, pelas ações de diversos atores, que muitas vezes possuem objetivos e planos conflitantes. Em um mundo ordeiro, no qual a gente sabe ir adiante e como prosseguir, seria mais fácil calcular as probabilidades dos conflitos e aumentar a eficiência de certas ações, porém esse não parece ser o cenário. O mundo não é o que existe, mas o que acontece. Não temos dimensão de tudo que está acontecendo no mundo. Há perigo permanente, em que enormes incertezas frequentemente pairarão sobre os Estados. Em um mundo globalizado, cria-se uma inter-relação entre a guerra convencional e os conflitos Híbrido, Irregular e Assimétrico. Não podemos descartar suas vantagens: baixo custo em comparação a uma intervenção militar direta, grande capacidade de abrangência, dissimulação, letalidade e maior proporção de impactar o adversário. A história recente tem registrado alguns conflitos ativos pelo mundo, provando que o conflito dessa natureza proporciona maior desgaste do tecido social e político, dificultando o estabelecimento de um regime, resultando na fragmentação do *status quo*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas décadas, num período relativamente curto dentro deste século, o mundo tem passado por mudanças e progressos. Temos que concordar que essa geração vive um grande volume de sonhos e promessas, ameaças e ideias novas, acerca do presente e do futuro. A ordem mundial, implantada após a Guerra Fria, era unipolar com os Estados Unidos na dianteira, porém, com o fortalecimento de alguns países, principalmente China e Rússia, o mundo tornou-se multipolar.

Logo, o panorama da segurança internacional tende pela permanência de instabilidades conflituosas e, provavelmente, conflitos multidimensionais.

Essa intensidade conflituosa, que vem ocorrendo no mundo entre o fim do século XX e o começo do XXI, com o princípio da soberania nacional, a fim de manter o domínio mundial pela economia global sem fronteira, requer uma guerra perpétua, com um clima de permanente tensão e terror, controlando o sistema de múltiplos Estados e submetendo todos os países aos ditames do mercado global. É impossível saber exatamente todas as consequências políticas, geopolíticas e econômicas, mas, de fato, estamos vivendo um rearranjo no futuro da política global.

Muitas vezes o futuro repete o passado, tanto no campo das ideias quanto nos fatos. O século XX foi notável pela extensão de operações de guerras clássicas (destruição e ocupação), os típicos confrontos diretos. Primeiro houve a luta para livrar as nações da Europa do jugo nazista; logo em seguida, os conflitos da Guerra Fria, confrontos de características nada convencional, que tiveram tanto Vietnã como Afeganistão como grande vitrine, expondo a maneira de se conflitar, intermediada por grupos extremistas, interesses políticos, lutas de insurreição, práticas de terrorismo e lutas para libertação nacional.

Diante de muitos desafios, os conflitos atuais têm escopo amplo, impactando diversas áreas, principalmente no que diz respeito às questões econômicas, que geram instabilidades para os regimes democráticos. O século XXI deixa várias evidências que longas guerras não fazem parte deste século e que conflitos de grande magnitude não cabem mais. Os países não aguentam os impactos de uma invasão, e custos políticos e físicos estão sempre no centro do debate dos tomadores

de decisão. Percebe-se, com isso, uma tendência das grandes potências atuarem menos globalmente e mais regionalmente.

Os custos de uma grande guerra são altos, e quanto maior o sacrifício e o comportamento beligerante de uma nação, maior a necessidade de justificá-los. Obviamente, isso não está sendo mais atrativo, reconsiderando os escassos recursos financeiros e materiais e as muitas baixas sofridas para manter uma guerra. Conforme o tempo e a exaustão, a perspectiva dos conflitos muda. O século XXI espereita uma confrontação muito peculiar. A ideia não é rotular o modo de guerra ou conflito que predominará no século. O que mais parece justo, e que se aproxima das evidências, são os conflitos de caráter multidimensional, de enorme complexidade resultante da multiplicidade de meios e combatentes em ações, que abrangem todas as outras modalidades de gerações, tipos e formas de guerras e conflitos existentes, adaptando-se aos novos meios de tecnologia e informações.

Os típicos conflitos multidimensionais adotam uma forma de guerra mais concentrada, incluindo o uso crescente de tecnologias mais sofisticadas e ameaças cibernéticas, com campanhas maciças de desinformação, não esquecendo o velho *modus operandi*, inquietando, emboscando, sabotando infraestruturas estratégicas e instalações de suprimentos e sempre evitando o combate frontal com a força adversa.

O rompimento do equilíbrio no mundo em campos antagônicos se intensificou após a Guerra Fria. Nações que visualizam a si mesmas na busca pela superioridade, via de regra, precisam acreditar em métodos confiáveis. No momento atual, potências que, de certa forma, são referência em poder militar estão passando por uma reconfiguração de suas Forças Armadas (FA), pela forma como exploram

a ampla utilização de coleta de dados, assuntos civis, operações psicológicas, emprego de unidades de Operações Especiais, operações com Veículos Aéreos Não Tripulados (Vant) e intensivo uso de tecnologias da informação e de comunicações, colocando em destaque um componente-chave: o espaço cibernético.

O cenário internacional é de tensão e muita incerteza, parecendo impossível conter as ambições entre os Estados. Não podemos nos limitar, faz-se necessário cruzar a história além das fronteiras e decidir as esferas de influências. O mundo multipolar é dividido por quem compartilha as mesmas ideologias, uma espécie de visão iluminista liberal, em que países, cada qual com sua autonomia garantida pela lei internacional, exploram seus interesses, estabelecendo relações diplomáticas e econômicas entre si, inclusive no aspecto militar. Democracias evitam guerras, formando mecanismos de governabilidade, mantendo estreitos laços de negociações e acordos de paz e facilitando as conversações entre as partes.

Que tipo de futuro queremos construir? Pensando na necessidade de rever as premissas e os antigos sistemas que não são mais adequados para o século XXI, deve-se ter esperança de que os países no futuro possam viver melhor pacificamente do que gerando agressões armadas ou promovendo golpes. Em determinadas condições, os Estados devem promover e apoiar regimes democráticos onde for possível e identificar e reforçar regiões que exprimem potencial de conflitos antes que as revoluções sobrevenham. No entanto as circunstâncias atuais no mundo são de total incerteza, não permitindo previsões confiáveis no campo da análise, apenas hipóteses.

No curso da história, os pensamentos inquietos do homem levaram à busca de novos temas, que proporcionaram meios para interrogar o passado e buscar prever

o futuro. Este artigo certamente suscitará mais perguntas do que respostas. Numa boa análise das vulnerabilidades do século XXI, o compartilhamento oportuno de informações nos permite, de certo modo, uma capacidade proativa, ampliando nossa consciência situacional, ligando fatos, dentro e fora do território nacional, e identificando possíveis ameaças. Do ponto de vista metodológico, o artigo

contribuiu para lançar luz e construir uma visão de futuro mais consciente em relação às tendências e incertezas atuais e colocar no centro do debate as prováveis características dos conflitos do século XXI. Não existe, infelizmente, nenhum sistema prévio totalmente seguro. Precisamos enxergar sinais e aprender com as experiências passadas, sendo sempre vigilantes e atentos.

#### CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<GUERRAS>; Classificação das Guerras; Conflito; Defesa; Guerra; Guerra Assimétrica; Guerra Fria; Guerra Futura;

#### REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *A desordem mundial: o espectro da total dominação: guerras por procuração, terror, caos e catástrofes humanitárias*, 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio Ltda, 2016.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. Tradução do original para o inglês por Michael Howard e Peter Paret. Tradução do inglês para o português por Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle, 1984. Disponível em: <https://www.egn.mar.mil.br/arquivos/cepe/DAGUERRA.pdf>.
- HEYDTE, Friedrich August Freiherr Von Der. *A guerra irregular moderna em política de defesa e como fenômeno militar*. Traduzido por Jaime Taddei. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.
- HOBBSAWM, Eric, 1917. *Globalização, democracia e terrorismo*. Tradução: José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991* Tradução Marcos Santarrita. Revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KORYBKO, Andrew. *Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes*. Tradução: Thyago Antunes. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- MURRAY, Williamson; MANSOOR, Peter R. *Guerra Híbrida: a verdadeira face do combate no século XXI*. Tradução: Paulo Baciuk. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2020.
- REYNOLDS, Mendes. “Guerra Assimétrica – Riscos Assimétricos”. *Military Review. Brazilian*. Fort Leavenworth, v. 84, 2º Quarter 2003, pp. 46-54.
- VISACRO, Alessandro. *Guerra Irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*. São Paulo: Contexto, 2009.
- WOLOSZYN, André Luís. *Ameaças e desafios à segurança humana no século XXI: de gangues, narcotráfico, bioterrorismo, ataques cibernéticos às armas de destruição em massa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército; Salto (SP): Schoba, 2013.